



# A INTERFACE ENTRE RELIGIÃO E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE CRENÇAS CRISTÃS NORMATIVAS DA SEXUALIDADE

**Robinson Grangeiro Monteiro**

Doutorando em Ministério (DMin) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (Cpaj) da UPM, da Fundação Getulio Vargas (FGV) e do Centro Universitário de João Pessoa (Unipe). *E-mail:* robinson.monteiro@mackenzie.br.

## RESUMO

---

A interface entre religião e sexualidade inclui aspectos que têm sido estudados separadamente em várias disciplinas, por autores e abordagens diferentes. O universo religioso, como instância reguladora da sexualidade em interação com outros discursos, tem sido abordado desde os primórdios da criação da psicologia da religião com a publicação de um número cada vez maior de livros, estudos e pesquisas. Todavia, ainda existe, sobretudo no Brasil, uma lacuna de estudos e pesquisas sob o âmbito interdisciplinar da psicologia e das diversas ciências das religiões, que tratam da dupla temática da religiosidade e sexualidade, especialmente no que se refere à adesão de indivíduos a crenças cristãs normativas sobre sexualidade (a heterossexualidade, a castidade pré-conjugal e a fidelidade conjugal). A partir de um estudo desenvolvido por Monteiro (2011), que fez exaustivo levantamento do estado da arte na pesquisa sobre o tema, a fim de examinar a adesão a essas crenças em uma amostra de jovens evangélicos, sob a perspectiva teórica da teoria da identidade social (TIS) e com utilização de parâmetros psicométricos, é possível vislumbrar um enorme campo de possibilidades no estudo das crenças normativas dos grupos religiosos, particulamente dos evangélicos brasileiros, cuja importância se deduz do crescimento cada vez maior desse segmento e dos prováveis pontos de divergência com o restante da sociedade no que tange à ética vivenciada em aspectos da sexualidade.

## PALAVRAS-CHAVE

---

Religião. Cristianismo. Sexualidade. Crenças grupais. Processos intergrupais.

## 1. INTRODUÇÃO

O primeiro passo para pesquisadores que desejem realmente compreender a riqueza de um assunto é estabelecer o estado da arte, a partir de uma revisão da literatura disponível sobre o tema.

Assim posto, o objetivo deste artigo é abordar a dupla temática da religiosidade e sexualidade no âmbito do cristianismo evangélico, o que compreende aspectos da vida humana que têm sido estudados separadamente em várias disciplinas, por abordagens e autores diferentes.

Neste caso em particular, o que se deseja contemplar é uma possível interface entre as temáticas da religiosidade e sexualidade.

O universo religioso, como instância reguladora da sexualidade em interação com outros discursos (CITELLI, 2005; CUNHA, 2000; HEILBORN et al., 2006; GONÇALVES DA SILVA et al., 2008), tem sido abordado desde a criação da psicologia da religião<sup>1</sup>.

Uma verdadeira eclosão de estudos e a publicação de um número cada vez maior de livros e de pesquisas, conforme apontam autores como Emmons (1999), Hill e Hood Jr. (1999), Koenig (1998), Miller (1999), Pargament (1997), Richards e Bergin (1997, 2000) e Shafranske (1996), têm sido consideradas uma superação paulatina da relativa negligência do estudo da religião.

Todavia, ainda existe, especialmente no Brasil, uma lacuna de estudos e pesquisas interdisciplinares, sob o âmbito da psicologia e das diversas ciências das religiões, que tratem especificamente de crenças cristãs normativas sobre sexualidade sob a dupla temática da religiosidade e sexualidade, que enfoque a adesão de indivíduos às crenças mais centrais que compõem a moral sexual do cristianismo (a heterossexualidade, a castidade pré-conjugal e a fidelidade conjugal)

Foi justamente por perceber essa lacuna que, a partir da teoria da identidade social (TIS) concebida por Tajfel e Turner

---

<sup>1</sup> Em 1976, foi criada a Divisão 36 específica da área de psicologia da religião na Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association – APA).

(1982)<sup>2</sup> e de estudos sobre crenças grupais, estudos para analisar os fenômenos psicossociais influentes na adesão de jovens evangélicos a essas crenças têm sido desenvolvidos por Monteiro (2011).

No trabalho *Adesão a crenças cristãs normativas sobre a sexualidade: um estudo com jovens evangélicos de João Pessoa, PB*, Monteiro (2011) perseguiu alguns objetivos, tais como: descrever o julgamento da gravidade de comportamentos sexuais antinormativos, a tolerância a relacionamentos afetivos inter-religiosos e o sentimento de pertença de jovens evangélicos às igrejas nas quais participam, além de avaliar a importância atribuída a essa pertença.

Como lâminas de análise, o pesquisador descreveu a avaliação de proximidade espiritual dos respondentes da amostra com o grupo social categorizado como evangélicos, inclusive usando algumas variáveis descritivas como a participação nas atividades da igreja, a experiência de namoro dos participantes da amostra etc.

O objetivo final foi analisar, entre as variáveis, algumas das quais já citadas anteriormente, aquelas que melhor permitiriam prever a adesão a crenças cristãs normativas sobre a sexualidade.

Em outras palavras, o autor pesquisou sobre o que faria um jovem evangélico não apenas confessar sua adesão a determinada crença normativa sobre sexualidade do seu grupo religioso, mas também a aderir pessoalmente a essa crença.

A amostra do tipo não probabilístico por conveniência foi constituída de 429 sujeitos, de ambos os sexos, entre 17 e 30 anos, escolhidos entre frequentadores dos três segmentos típicos de dez igrejas evangélicas (históricas, pentecostais e neopentecostais) da cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba, Brasil, entre novembro de 2010 e março de 2011.

A originalidade do estudo deveu-se em grande parte à psicometria utilizada para parametrizar fenômenos tipicamente subjetivos e ditos intangíveis, em que se realizaram análises fatoriais exploratórias pelo método dos eixos principais e re-

---

<sup>2</sup> ATIS é considerada a teoria mais importante dentre os modelos sobre as relações intergrupais em psicologia social (AMÂNCIO, 1993), sendo estruturada fundamentalmente em três conceitos: categorização social, identidade social e comparação social.

gressões múltiplas – RM (método *stepwise*). Construíram-se também alguns indicadores, inclusive o de tolerância a relacionamentos afetivos inter-religiosos.

Alguns dos resultados do trabalho de Monteiro (2011) apontam, entre outros achados, para uma forte rejeição dos participantes da amostra a relacionamento afetivo inter-religioso, notadamente em relação a fiéis das religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda). Essa amostra expressa caracteristicamente uma forte identidade com seu grupo religioso (sentimentos de pertença e importância da pertença) e elevado nível de participação nas atividades de suas congregações.

Tais características, entre outras descritas no estudo, permitem-nos descrever o grupo amostral como originário de um “núcleo duro” de perfil mais conservador e aderente ao discurso religioso cristão sobre crenças normativas da sexualidade.

Como passo inicial do estudo resumidamente descrito nesta introdução, Monteiro (2011) realizou uma primeira revisão de literatura nos bancos de teses, periódicos e artigos científicos<sup>3</sup>, no período de 1º de junho de 2009 a 31 de julho de 2009, tanto no *campus* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, como no *campus* da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em São Paulo, onde desenvolve seu doutoramento em Ministério (DMin)

Em um primeiro momento, foram encontrados 6.642 itens (trabalhos, estudos, teses, artigos, pesquisas etc.), tendo como referência palavras como “religião”, “sexualidade”, “crenças”, “valores”, “atitudes” e “normas”, percebendo-se, provavelmente pela incipiência daquele trabalho à época, o largo espectro da amostra de itens, bem como uma quantidade indesejada deles etc.

Considerando que o trabalho lançava um olhar mais específico sobre a adesão a crenças cristãs normativas sobre a sexualidade humana, uma série de filtros foi executada com o fim de reduzir aos itens de interesse da pesquisa, e, assim, alguns deles foram excluídos de antemão por se encontrarem em áreas catalogadas sem qualquer relação com a proposta de estudo. Permaneceram, porém, as áreas de ciências sociais, história, filosofia, psicologia, antropologia, religião e teologia.

---

<sup>3</sup> Mais informações estão disponíveis em: <<http://capesdw.capes.gov.br/banco-teses/#/>> e <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 6 set. 2016.

Essa revisão foi repetida no período de 30 de abril a 10 de maio de 2011, quando 33 novos itens foram acrescentados aos 51 da primeira revisão, utilizando os mesmos critérios. Finalmente, uma revisão final foi realizada em junho de 2011 para consolidação de que aquela dissertação ao ser apresentada para exame, aprovação e publicação realmente expressasse o estado da arte na temática.

O sumário daquela revisão de literatura sobre o assunto foi de fundamental importância para consolidar a convicção de Monteiro (2011) em relação à importância do estudo, o qual se insere numa região fronteira da temática, integrando um assunto de real relevância para a academia e também para a sociedade brasileira.

## 2. RELIGIÃO E SEXUALIDADE: TUDO OU NADA A VER?

---

Em grande parte, a importância crescente nos estudos do campo das ciências da religião para a dupla temática da religiosidade e sexualidade relaciona-se a recentes desdobramentos de questões que, até então, eram restritas a determinados grupos religiosos ou círculos acadêmicos mais especializados, mas que, cada vez mais, tomam as ruas e invadem os meios legislativos e jurídicos.

A repercussão dessas questões em todos os níveis da sociedade, insuflados pela extensa e intensa cobertura dos meios de comunicação, tem influenciado a atual agenda social e política do Brasil, inclusive nos processos de eleições para os principais cargos do Legislativo e Executivo, nos níveis municipal, estadual e federal nos últimos anos, de 2010 e 2012, e também na eleição presidencial de 2014.

Como é muito provável que esse assunto torne-se cada vez mais sensível na sociedade brasileira, é imperioso dar um tratamento científico à análise dessa interface temática, especialmente em questões que, historicamente, são reconhecidas como fomentadoras de radicalizações, por fazerem parte do que há de mais mobilizador na experiência humana: que é a sua relação com o sagrado, tanto no que remete ao divino como na evocação da expressão mais própria da pulsão de vida, o sexo.

Pesquisas recentes em religião e espiritualidade como fenômeno humano são quase tão vastas e diversas como os estudos sobre vida religiosa, segundo Emmons e Paloutzian (2003), principalmente por meio da psicologia da religião, um dos campos identificáveis da psicologia<sup>4</sup> e das ciências das religiões que mais crescem.

Atualmente, o interesse na temática por parte da psicologia da religião, em particular, é multifocal, incluindo dois aspectos de maior interesse para este presente trabalho. Por um lado, tem-se estudado o universo religioso como instância reguladora da sexualidade, conforme já mencionado na introdução deste artigo, e, por outro, tem-se pesquisado a religião como sistema de significado, que foi tratado no trabalho de Monteiro (2011).

Por se encontrar em região de fronteira na pesquisa acadêmica, o tema tem uma interface natural também com estudos sociológicos e antropológicos (DURKHEIM, 1954; GERTZ, 1973) e com áreas específicas da sociologia da religião e de outras ciências da religião. Essa confluência de interesses multidisciplinares é destacada por Silberman (2005) como algo positivo pela possibilidade de, a partir de olhares e métodos distintos, produzir reflexão acerca dos impactos positivos e negativos da religião sobre crenças, objetivos, emoções e comportamentos de indivíduos em várias interações, nos níveis intrapsíquicos, interpessoais e intergrupais.

Assim, é natural que se considere cada vez mais que religião e sexualidade têm tudo a ver, mesmo que por motivos diferentes, a depender do grupo social a que se pertença.

### 3. A RELIGIÃO COMO FORMADORA DE UM SISTEMA DE CRENÇAS NORMATIVAS

---

É da sociologia da religião que vem a conceituação mais simples e relevante de religião: comunidade de aliança de fé com ensinamentos e narrativas que estimulam a busca pelo sagrado e encorajam moralidade (DOLLAHITE; HAWKINS, 1998).

---

<sup>4</sup> A psicologia da religião teve o primeiro capítulo sobre esse campo escrito por Gorsuch (1988).

Para Marzal (2004), a religião é um sistema de crenças, de ritos, de formas de organização e de normas éticas, por meio dos quais os membros de uma sociedade tratam de comunicar-se com os seres divinos ou seus intermediários e de encontrar um sentido último e transcendental para a existência. Em síntese, é um empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado (BERGER, 1985).

O modelo teórico dominante no estudo científico da religião, mantido por psicólogos da religião por cerca de 50 anos, foi o de Gordon Allport (ALLPORT; ROSS, 1967), o qual distingue a religião intrínseca da extrínseca ou a religião madura da imatura, no que se refere à relação do fiel com a religião.

Para Bellah et al. (1985), Cohen e Hall (2005), Cohen et al. (2005) e Snibbe e Markus (2003), essa relação varia, num espectro de motivos, de afiliação comunitária, passando por relacionamentos sociais, tradição e rituais até estabilidade social e realização pessoal, enfatizando tanto os aspectos individualistas quanto os coletivistas na adesão a grupos religiosos.

Estudos de Siegel e Rozin (2003), por exemplo, confirmam essa análise a partir da constatação de que grupos de judeus e protestantes norte-americanos têm visões similares sobre a importância da prática religiosa, porém os protestantes dão maior importância à crença religiosa particular.

Sendo assim, a religião pode ser vista tanto da perspectiva de uma característica e vivência pessoal como do ponto de vista de um sistema estável de crença e significação ao longo do tempo. A religião se manifesta em situações emocionais diversas (EDWARDS; SMITH, 1746/1959; HUTCH, 1978; WATTS, 1996; HILL, 1999; HILL; HOOD JR., 1999), enraíza-se em tradições espirituais autoritativas transcendentais à pessoa e aponta para realidades mais amplas nas quais ela está envolvida (EMMONS; PALOUTZIAN, 2003).

A religião, em toda a sua complexidade fenomenológica e sociológica, tem sido influente na vida humana tanto ao longo da história (SILBERMAN, 2005) como nas sociedades atuais (BEIT-HALLAHMI; ARGYLE, 1997; SILBERMAN; HIGGINS; DWECK, 2005; WOODWARD, 2004), o que lhe confere *status* de fator de grande influência no futuro (GOPIN, 2000; HUNTINGTON, 1997; PARGAMENT, 1997; APPLEBY, 2000).

A despeito de vários aspectos apontados como obstáculos e concorrentes contra o progresso da religião, tais como os altos níveis de modernização e as descobertas científicas (MARTY; APPLEBY, 1991; GOPIN, 2000), ela tem permanecido em papel de destaque na história, contrariando previsões de um eventual declínio (BERGER, 1985; WEBER, 1994; WINK et al., 2007).

Apesar disso, a religião tem sido também vista negativamente, como fator desencadeador de choques entre civilizações no mundo pós-moderno (HUNTINGTON, 1997) e de fator crítico e saliente na polarização cultural evidente nos debates políticos, em países da Europa e nos Estados Unidos, como mais recentemente aqui mesmo no Brasil, envolvendo questões como aborto, eutanásia, pesquisa com células-tronco embrionárias e, especialmente, sobre um aspecto que é o casamento de pessoas do mesmo sexo (WINK et al., 2007).

Nesse sentido, é evidente o papel central de conceitos religiosos por trás da guerra cultural e do conflito de civilizações (LEWIS, 1990; HUNTINGTON, 1996, 1997; MURAWIEC, 2002) que têm marcado tão fortemente a agenda atual de enfrentamento do fundamentalismo islâmico com a cultura ocidental, principalmente na Europa.

Nesse debate que envolve modernização, globalização e fundamentalismo religioso, Turner (2001) propõe uma perspectiva inovadora, a partir do que chama de quatro paradoxos (Nietzsche, Parsons, McLuhan e Montaigne). Para ele, o fundamentalismo é, paradoxalmente, uma forma de modernização (paradoxo de Nietzsche), a qual, na tentativa de confinar a religião a uma esfera institucional separada e especialmente vivenciada na ambiência privativa do indivíduo, acaba por transformá-la em um problema da modernidade (paradoxo de Parsons), demonstrando que valores religiosos numa vila global expõem a incomensurabilidade dos sistemas culturais (BEYER, 1994).

Em outras palavras, a modernidade exacerba o fundamentalismo, especialmente o religioso, na medida em que tenta tornar a religião uma variável irrelevante ou um discurso vazio e ultrapassado no mercado de ideias. Seria, então, um alvo inatingível, impróprio e contraproducente qualquer tentativa de desqualificar fatores religiosos no entendimento das grandes questões culturais, sociais e políticas do mundo moderno.

A partir dessa formulação inicial dos dois paradoxos (Nietzsche e Parsons), ele continua entendendo que os relativismos modernos são facilmente sustentados na prática e, paradoxalmente, aumentam a necessidade do universalismo dos direitos humanos (paradoxo de McLuhan), demonstrando a necessidade de compreensão do outro (*otherness*) como uma necessária experiência de humanismo cosmopolita.

No outro polo do espectro da influência social global da religião, encontra-se a perspectiva de ver o ecumenismo e a inclusividade como propostas diametralmente opostas ao fundamentalismo e à exclusividade, no mesmo processo que, segundo Kohn (1944), faz o nacionalismo político assumir tanto a forma liberal como a reacionária

Certamente, grande parte desse poder de influência social da religião advém do entendimento de que ela é um sistema de significado, por meio do qual os indivíduos e grupos dão sentido ao mundo e às experiências deles, como também estabelecem objetivos, planos de atividades e ordenam comportamentos (DWECK, 1999; EIDELSON; EIDELSON, 2003; HIGGINS, 2000a, 2000b; HIGGINS; SILBERMAN, 1998; JANOFF-BULMAN, 1992; KELLEY, 1955; LERNER, 1980; SILBERMAN, 2005; STARK; BAINBRIDGE, 1985).

É possível entender a religião como sistema de crenças sobre os objetivos dos sistemas de significados ou sistemas de crença quando estes se referem aos níveis intrapsíquico e interpessoal, em quatro aspectos relacionados à manutenção: 1. da estabilidade e coerência do sistema conceitual da pessoa; 2. do equilíbrio entre o prazer e a dor diante do futuro previsto; 3. do equilíbrio favorável da autoestima; 4. do relacionamento favorável com outras pessoas significativas, funcionando como lentes através das quais a realidade é percebida e interpretada.

Dessa forma, a religião, semelhantemente a outros sistemas de significados, pode influenciar a formação de objetivos, de autorregulação, de afetos e emoções, e de comportamentos (BATSON; SHOENRADE; VENTIS, 1993; EMMONS, 1999; GEERTZ, 1973; GEORGE; ELLISON; LARSON, 2002; JAMES, 1902; PARGAMENT, 1997; SILBERMAN, 2005).

Como sistema de crenças, a religião tem a sua convicção central na percepção do sagrado, daquilo que é transcendente,

separado do ordinário e, portanto, digno de veneração e respeito, o que a torna uma fonte especial de significância existencial para as pessoas (PARGAMENT, 1997; PARGAMENT; MAGYAR-RUSSELL; MURRAY-SWANK, 2005).

Essa significância é o que permite estabelecer conexões com postulados prescritivos relacionados aos sistemas de crenças das pessoas, às emoções (SILBERMAN, 2005), às regulações para os membros do endogrupo e do exogrupo (HUNSBERGER; JACKSON, 2005; OMAN; THORESEN, 2003; TSANG; MCCULLOUGH; HOYT, 2005) e às ações apropriadas/inapropriadas (PARGAMENT, 1997).

A amplitude das questões e a qualidade dos tipos de significado que a religião oferece a tornam um dos poucos sistemas com esse poder de dar significado (GEERTZ, 1973) ao tempo e ao espaço (dias santos e lugares santos), a funções e papéis sociais (conjugalidade, paternidade), a produtos culturais (música, literatura), a pessoas (líderes religiosos) e a materiais religiosos (crucifixos, ícones). Além disso, a religião pode prover meios de autotranscendência (SHELDON; KASSER, 1995) e bem-estar (EMMONS, 1999, 2005), o que certamente a torna um objeto de estudo muito interessante e desafiador.

Ao mesmo tempo, esse sistema religioso, à semelhança de outros, pode ser mudado e desenvolvido (DWECK, 1999; HIGGINS, 2000a, 2000b; HIGGINS; SILBERMAN, 1998; FIRESTONE, 1999; GOPIN, 2000; SILBERMAN; HIGGINS; DWECK, 2005; SILBERMAN, 2005; TSANG; MCCULLOUGH; HOYT, 2005), por vários meios, inclusive por intermédio de líderes prototípicos (OMAN; THORESEN, 2003) e de processos de atualização, que, de acordo com Silberman (2005), são semelhantes aos obtidos por avanços científicos renovadores de teses caducas.

Outro aspecto importante é que as religiões, como sistemas coletivos de significados (BECK, 1999; EIDELSON; EIDELSON, 2003; MOSCOVICI, 1988; SILBERMAN; HIGGINS; DWECK, 2005; THOMPSON; FINE, 1999; TRIANDIS, 1989), também compõem a realidade compartilhada de cada grupo (HARDIN; HIGGINS, 1996), podendo definir a própria identidade do grupo (BAR-TAL, 2000) e influenciar seus objetivos e comportamentos em vários níveis (EIDELSON; EIDELSON, 2003; SILBERMAN;

HIGGINS; DWECK, 2005; STAUB, 1989; VOLKAN, 1990, 1997).

Diante de tal *continuum*, um dos grandes desafios da psicologia da religião, enfrentado por Monteiro (2011), tem consistido justamente na medição de construtos religiosos e espirituais (GORSUCH, 1984), uma tarefa ainda enorme, mesmo que tenha havido, somente nos anos 1980 a 1990, uma explosão de inventários, escalas e questionários diversos, que hoje já somam mais de cem medidas estabelecidas de religiosidade, agrupadas em grandes *clusters*, incluindo “crenças e práticas religiosas”, “atitudes religiosas”, “valores religiosos”, “desenvolvimento religioso”, “orientação religiosa”, “compromisso e envolvimento religioso”, “espiritualidade e misticismo”, “perdão”, “*coping* religioso” e “fundamentalismo religioso” (HILL; HOOD JR., 1999).

O uso dessas parametrizações vislumbra um enorme campo de estudos e pesquisas, por permitir a objetivação de fenômenos, quantificando-os e analisando-os a partir de referenciais teóricos tanto da psicologia social como das ciências das religiões.

## 4. A SEXUALIDADE: HETERONOMIA E NORMATIZAÇÃO

---

A outra dimensão da interface temática proposta pelo estudo de Monteiro (2011) – a sexualidade – tem amplitude semântica suficiente para apropriar análises de diversas e quase infinitas perspectivas no âmbito da psicologia social e da psicologia da religião, especialmente quando trata de heteronomia e normatização.

Nesse aspecto, alguns autores apontam para essas tendências opostas, uma das quais denominada de heteronomia, que, numa concepção mais ampla, refere-se genericamente à autonomia em relação à norma prevalente no grupo social. A moralidade sexual, por exemplo, segue a tendência de outros domínios morais, de distanciar-se cada vez mais das prescrições das igrejas, caracterizando uma ética autônoma que, segundo Giddens (1990), provavelmente se deve à intensifica-

ção da autonomia individual e à fragmentação dos valores pessoais na alta modernidade.

Estudos e pesquisas desenvolvidos têm demonstrado, por exemplo, grande polissemia no ensino cristão sobre temas éticos, especialmente acerca da sexualidade (GONÇALVES DA SILVA et al., 2008; BRANDÃO, 2004), de modo que, mesmo entre pessoas pertencentes à mesma denominação religiosa, há uma necessidade crescente de diálogo entre a vivência real e as atitudes morais consideradas razoáveis para a religião com suas respectivas codificações e normas, envolvendo, ainda, a disposição moral individual.

Autores entendem, inclusive, que a escolha pessoal como valor estruturante tem alcançado primazia sobre as normas do grupo religioso (DUARTE et al., 2006). Por exemplo, Watanabe (2005) entende que o exercício da subjetividade sobre as práticas religiosas e éticas, principalmente de natureza sexual, faz com que o indivíduo adapte e modifique, a partir de suas experiências, o sistema de crenças propagado pelas autoridades religiosas.

Segundo Hervieu-Léger (2000), estudos empíricos realizados na Europa e América do Norte sobre formas de interpretação religiosa contemporânea acerca da sexualidade, por exemplo, mostram que o cenário religioso das sociedades ocidentais é caracterizado por um movimento de individualização e subjetivização da fé e da prática.

No entanto, não é correto entender isso como um fenômeno da pós-modernidade, porque seria mais apropriado entender a individualização religiosa também como originada na diferenciação entre duas formas: a religião ritual, que requer do fiel cuidadosa observação de práticas prescritas, e a religião íntima, que requer, seja de forma mística, seja de forma ética, a apropriação pessoal e permanente de verdades religiosas, isto é, de crenças, por cada crente.

Para Lewgoy (2009), a passagem de uma fase de controles morais externos, baseados na autoridade da família e da Igreja, para outra, que tem sido descrita como individualização, interiorização e psicologização, tem marcado a identidade de membros de religiões com fenômenos de privatização da prática religiosa e de exacerbação do individualismo, assim como por lógicas culturais complexas e coexistentes disseminadas de forma capilar entre as fronteiras das agências religiosas.

Estudos de Petersen e Donnenwerth (1998) salientam mudanças nas concepções de religião e nas atitudes dos protestantes conservadores para com temas morais, no sentido do endosso bíblico para o prazer sexual na esfera conjugal, para um leve afrouxamento da rejeição ao homossexual em funções docentes e, sobretudo, para uma abertura e um hibridismo crescentes entre linguagens, valores e conceitos da religião e da psicologia, esta incorporada como ferramenta de trabalho da primeira.

Nesse mesmo diapasão, é plausível supor que exigências consideradas como opostas entre a articulação do prazer sexual e a tradição cristã de condenação da carne elaboram dilemas homólogos vivenciados por muitos dos fiéis no Brasil e realçados por trabalhos etnográficos, baseados em análise de literatura das pastorais evangélicas especializadas na regulação da sexualidade, demonstrando que o discurso sobre o comportamento homossexual, por exemplo, vem modificando-se, incorporando uma retórica de uma identidade heterossexual reconhecida como natural, assim como a proposição de um construtivismo moral na gênese e no tratamento do chamado “desvio homossexual” (NATIVIDADE, 2003)

Assim, tanto no elogio da sexualidade permitida ao casal – “natural” e “abençoada”, palavras muito usadas nas pastorais –, discurso no qual o orgasmo é um valor legítimo, quanto na patologização psicológica da homossexualidade, em que há a negação desta e a sugestão de intervenção terapêutica e espiritual, o fato é que a sexualidade, a autoestima e o corpo evidenciam-se como objetos focais de discursos, concepções e disputas entre o crescente e fragmentado povo evangélico (NATIVIDADE, 2003).

A conclusão desses estudos baseados na literatura evangélica de autoajuda, de vida cristã e de sexualidade, em relação a algumas das questões mais expostas à indeterminação normativa diante da destradicionalização da religião, é que elas são experimentadas no âmbito da família (tensões conjugais, divórcios, aborto, sexualidade ressacralizada, planejamento familiar, relacionamentos amorosos com pessoas de fora da religião, reconstrução do papel do homem na família), na vivência religiosa (lugar da mulher na hierarquia religiosa e feminização) e na sociedade (homossexualismo).

Aparentemente, essas dinâmicas diferem entre grupos evangélicos, pois enquanto Gonçalves da Silva et al. (2008) apontam o nominalismo dos grupos cristãos tradicionais, compreendido a partir de critérios como baixo nível de compromisso e envolvimento, como exemplo de fator facilitador para posicionamentos mais independentes da moral cristã exposta pelas autoridades eclesiais, outros resultados são encontrados quando a análise é feita entre evangélicos pentecostais que, segundo os achados das pesquisas, possuem adesão bastante alta à moral sexual prescrita pelo grupo religioso.

Em comum, há a ênfase sobre a própria escolha pessoal, frequentemente relacionada à conversão religiosa e a mudanças no modo de conceber a sexualidade, em detrimento da religiosidade apenas por tradição familiar.

O que os resultados, de modo geral, não apontam é se existe, e até que ponto existe, congruência entre o dito e o feito, ou entre a dimensão ideológica e a dimensão conativa, que foi justamente o objeto de interesse do estudo de Monteiro (2011).

Há uma complexidade na compreensão do papel da sexualidade para grupos religiosos, especialmente cristãos evangélicos, cuja perspectiva passa pelos filtros das crenças sobre como alguém sente e age em relação ao casamento, bem como sobre o modo certo de sentir e agir em termos de funcionamento marital e estabilidade; tudo isso de acordo com a Bíblia, considerada sagrada e regra absoluta de fé e de prática.

Em pesquisa baseada no interacionismo simbólico sobre atitudes e expectativas sobre casamento, Hall (2006) demonstra que, a depender do significado dado ao casamento, configura-se o comportamento sexual em relação ao casamento como elemento conceitual da ética sexual. O casamento assume, então, a conotação sagrada e sacramental, e a posição estratégica de domesticação do desejo sexual (GONÇALVES DA SILVA et al., 2008), embora ainda reflita a diferenciação de gênero quanto ao exercício desse poder de controle (PAIVA, 1999), conforme demonstraram Toneli e Vavassori (2004), em que se estabelece clara diferença entre a percepção do casamento como uma alternativa desejada. No caso dos homens, a virgindade masculina, especialmente, não tem o mesmo reforçamento quanto tem no caso feminino,

ainda que a docência religiosa preconize o interdito à perda da castidade para ambos, estando, dessa forma, diretamente associada à adesão às normas da religião, mormente as igrejas cristãs evangélicas.

Em pesquisa de Paiva (2008), por exemplo, a maioria manifestou-se pela iniciação sexual dos jovens somente depois do casamento (63,9% para iniciação feminina *versus* 52,4% para a masculina), com nítidas diferenças entre praticantes das diversas religiões e dos distintos subgrupos evangélicos.

Algumas das mais recentes pesquisas nacionais sobre sexualidade, como o Projeto Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com 2.835 pessoas maiores de 18 anos (47% homens, 53% mulheres), trataram do sentido da iniciação sexual e do crescimento do uso do preservativo, relacionados a crenças sobre castidade pré-conjugal e fidelidade conjugal. Abdo et al. (2003), coordenadores da pesquisa, apresentam resultados diferentes em grupos de diferentes religiões, como já demonstrado anteriormente por Paiva et al. (2008).

Outra pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (Pense) –, em 2009 revelou que 30,5% dos 618.555 estudantes do nono ano do ensino fundamental das capitais e do Distrito Federal já tiveram relacionamento sexual, e o percentual é maior entre os meninos (43,7%) do que entre as meninas (18,7%), o que, para Toneli e Vavassori (2004), apenas demonstra a manutenção do padrão da dupla moral sexual, em que a iniciação sexual dos homens é estimulada e a das mulheres é coibida (PARKER, 1991; LYRA, 1997), no que é corroborada por Siqueira et al. (2001), a partir dos dados da Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS) da Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil (1999).

A compreensão dessas pesquisas expressa o poder normatizador da religião sobre a sexualidade e conduz invariavelmente à análise do reflorescimento de grupos caracterizados como “fundamentalistas” (KEPEL, 1992; BALMER, 1994; SOUZA, 2009; VELHO, 1997), que claramente defendem a normatização eclesiástica do *ethos* privado como um dos fundamentos da ética cristã.

É inegável que o chamado “fundamentalismo” joga um papel importante na discussão da ética sexual da sociedade, inclusive no nosso país, em razão de seu crescimento como grupo religioso, que perpassa várias religiões, em geral, e muitas denominações evangélicas, em particular, as quais têm mostrado influência social nos meios de formação teológica e de instâncias decisórias na igreja (concílios) e na sociedade (formadores de opinião).

A compreensão da relação de forças entre a autonomia ética da primeira tendência da sexualidade vista pela religião (heteronomia) e o fortalecimento da influência do grupo sobre o indivíduo na segunda tendência (normatização) é importante para a análise proposta nesses estudos, que originaram este artigo.

Uma das questões cruciais desta análise tem a ver com o fato de a sexualidade, embora foco de interesse e reflexão em todas as comunidades religiosas, ser considerada sagrada particularmente entre os grupos fundamentalistas, e, por conseguinte, dentro do lócus de sua intervenção, a religião receberia a legitimidade para normatizar o *ethos* privado e a própria construção da sexualidade, por meio da formatação de uma ordem moral e de padrões de conduta considerados ideais. Assim, cada confissão religiosa que entende a sexualidade como sagrada desenvolve modos específicos de orientar comportamentos e de disciplinar seus fiéis.

Nesse sentido, a sexualidade não é vista apenas como fenômeno social, psicológico ou fisiológico, mas como divina, sagrada, sacramental e, portanto, valorizada, compartilhada e ressignificada pela comunidade (GONÇALVES DA SILVA et al., 2008).

A partir de uma análise diferente sobre a relação autoridade *versus* poder prescritivo, Santos e Mandarino (2005) relacionam tais processos com a religiosidade como alternativa importante de sociabilidade, visto que a opinião ou prescrição do padre ou do pastor não é necessariamente seguida pelo paroquiano ou pelo membro da igreja.

Nessa mesma direção, Machado (1996) prefere compreender a conduta sexual a partir de uma visão construtivista, que enfatiza mais seu caráter, cultura e histórico, do que afeita ao campo das pulsões internas, da “libido” e da “carne”, duas expressões que se equivalem na psicologia e na religião.

Quando se caracterizam sociologicamente grupos religiosos chamados de “fundamentalistas”, os resultados parecem indicar que um dos aspectos comuns entre eles é a relação entre autoridades consideradas como referências religiosas e aqueles que compõem o grupo específico, afetando processos intrapsíquicos e grupais, refletindo processos cognitivos, emocionais e sociais reforçadores da adesão à norma do grupo (FARRIS, 2008; GONÇALVES DA SILVA et al., 2008).

O fato é que a ética sexual distinta nesses grupos religiosos diferentes reflete-se tanto em discursos como em práticas sobre as condutas sexuais, o que é perceptível na mudança da tradicional vinculação do sexo com a reprodução para uma concepção que identifica mais o sexo com o amor e o prazer.

Em pesquisa de Paiva (2008), por exemplo, a maioria dos evangélicos entrevistados escolheu como significado para o sexo a alternativa: “sexo é uma prova de amor”. Essa mudança de compreensão da sexualidade pode ser também compreendida a partir de variáveis como o tipo e o tempo de engajamento no grupo confessional, o que, para Machado (1996), poderia influenciar no exercício da sexualidade.

Portanto, conclui-se que os sentidos e significados atribuídos à sexualidade e aos eixos centrais das crenças cristãs normativas sobre a sexualidade tornam-se, às vezes, mais flexíveis em relação à moralidade tradicional e às regras predominantes no discurso religioso; em outros momentos, tendem a reforçar significações fundamentalistas de moral mais rígida, conforme Gonçalves da Silva et al. (2008).

## 5. CONCLUSÃO

---

O estado da arte sobre religião e sexualidade, com base no levantamento de literatura feito por Monteiro (2011), que analisou alguns processos intergrupais no grupo categorial dos evangélicos, bem como a dinâmica de adesão a crenças cristãs normativas sobre a sexualidade, a partir da realidade dos grupos estudados, permite várias possibilidades para estudos posteriores, entre as quais: a utilização da literatura levantada pode servir de ponto de partida para futuras pesquisas e trabalhos

interdisciplinares que construam uma psicologia social da religião por iniciativa de núcleos de estudos acadêmicos sobre os comportamentos sexual e religioso, assim como hoje já há para estudos do comportamento político.

Além disso, o crescimento dos evangélicos no Brasil e a importância cada vez maior desse segmento na sociedade, junto com os prováveis pontos de divergência com o restante da sociedade no que tange à ética vivenciada em aspectos da sexualidade, trazem, indubitavelmente, um prognóstico de grande demanda por estudos semelhantes, que se desdobrem em aplicações práticas que, a princípio, sirvam ao universo religioso das igrejas evangélicas, por intermédio de seus líderes e membros, no que trata da própria programática de integração grupal, por meio de suas atividades, e das relações intergrupais com outros subgrupos evangélicos e na dimensão inter-religiosa, que podem ser tremendamente beneficiadas.

No que se relaciona à própria sociedade, a relevância desse tipo de estudo é indicada pelo próprio debate da relação de um Estado laico como o brasileiro e as instituições religiosas sob a proteção deste. Recentes questões no campo dessa relação demonstram a necessidade de a sociedade, a partir da academia, compreender o universo religioso com suas crenças e normas sociais, inclusive diferenciando o laicidade do Estado de uma postura antirreligiosa com suas eventuais intervenções indevidas sobre os grupos religiosos de qualquer espécie.

O benefício dessa apreensão do campo semântico religioso também poderá ser sentido na calibragem e no redirecionamento das políticas públicas na educação e na saúde, quando valores e crenças religiosos precisarem ser levados em conta na operacionalização de programas e iniciativas.

# AN INTERFACE BETWEEN RELIGION AND SEXUALITY: A LITERATURE REVIEW ON CHRISTIAN NORMATIVE BELIEFS ABOUT SEXUALITY

## ABSTRACT

---

The interface between religion and sexuality encompass aspects that have been studied separately by various approaches and different authors. The religious universe, as regulatory instance of the sexuality interacting to other discourses, has been studied since the beginning of psychology of religion, with release of a large number of books, studies and research. However, specially in Brazil, still remains a lack of interdisciplinary studies and researches under the common umbrella of the psychology and of the religious sciences, specially when it deals with the individual adherence to Christian normative group beliefs about sexuality (heterosexuality, chastity and conjugal fidelity). From a study developed by Monteiro (2011), that did a comprehensive research on the state of the art on the subject, applying to a sample of evangelical youth people, under the social identity theory (SIT) and using psychometric parameters, is possible to anticipate great opportunities for studies on normative beliefs about sexuality of religious groups, especially among Brazilian evangelicals, whose importance is due to its numeric and influence growth and to the divergences with the sexual ethics of other segments in the Brazilian society.

## KEYWORDS

---

Religion. Christianity. Sexuality. Group beliefs. Intergroup processes.

## REFERÊNCIAS

---

ABDO, C. H. N. et al. Perfil sexual da população brasileira: resultados do estudo do comportamento sexual do brasileiro (ECOS). *Revista Brasileira de Medicina*, v. 59, n. 4, p. 250-257, 2002.

ALLPORT, G. W.; ROSS, J. M. Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality & Social Psychology*, v. 5, n. 4, p. 432-443, 1967.

- AMÂNCIO, L. Género-representações e identidades. *Sociologia – problemas e práticas*, n. 14, p. 127-140, 1993.
- APPLEBY, R. S. *The ambivalence of the sacred: religion, violence, and reconciliation*. New York: Rowman and Littlefield, 2000.
- BALMER, R. American fundamentalism: the ideal of femininity. *Fundamentalism and Gender*, p. 47-62, 1994.
- BAR-TAL, D. Group beliefs as an expression of social identity. In: WORCHEL, S. et al. (Ed.). *Social identity: international perspectives*. London: Sage, 2000. p. 99-113.
- BATSON, C. D.; SHOENRADE, P.; VENTIS, W. L. *The religious experience: a social-psychological perspective*. New York: Oxford University Press, 1993.
- BECK, U. *World risk society*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- BEIT-HALLAHMI, B.; ARGYLE, M. *The Psychology of religious behaviour, belief and experience*. London: Routledge, 1997.
- BELLAH, R. N. et al. *Habits of the heart: individualism and commitment in American life*. Berkeley: University of California Press, 1985.
- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BEYER, P. *Religion and globalization*. London: Sage, 1994.
- BRANDÃO, C. R. Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 261-288, 2004.
- CITELLI, M. C. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990- 2002) – revisão crítica*. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos – IMS/ UERJ. Rio de Janeiro: Cepesc, 2005.
- COHEN, A. B.; HALL, D. E. *Existential beliefs, social satisfaction, and wellbeing among Catholic, Jewish and Protestant older adults*. Manuscript submitted for publication.

COHEN, A. B. et al. *Social versus individual motivation: implications for normative definitions of religious orientation*. Manuscript submitted for publication.

CUNHA, J. A. *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DOLLAHITE, D. C.; HAWKINS, A. J. A conceptual ethic of generative fathering. *The Journal of Men's Studies*, v. 7, n. 1, p. 109-132, 1998

DUARTE, L. F. D. et al. Família, reprodução e *ethos* religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: DUARTE, L. F. D. et al. (Org.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. p. 15-50.

DURKHEIM, E. *The elementary forms of religious life*. London: Allen and Unwin, 1954.

DWECK, C. S. *Self-theories: their role in motivation, personality and development*. Philadelphia: Psychology Press, 1999.

EDWARDS J.; SMITH, J. E. (Ed.). *Religious affections*. New Haven, CT: Yale University Press, 1959. v. 2.

EIDELSON, R. J.; EIDELSON, J. I. Dangerous ideas: five beliefs that propel groups toward conflict. *American Psychologist*, v. 58, n. 3, p. 182-192, 2003.

EMMONS, R. A. *The psychology of ultimate concerns: motivation and spirituality in personality*. New York: Guilford, 1999.

EMMONS, R. A. Striving for the sacred: personal goals, life meaning, and religion. *Journal of Social Issues*, v. 61, n. 4, p. 731-745, 2005.

EMMONS, R. A.; PALOUTZIAN, R. F. The psychology of religion. *Annual Review of Psychology*, v. 54, p. 377-402, 2003.

FARRIS, J. R. Autoridades morais no comportamento sexual humano: implicações para a religião e a psicologia. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2008. p. 115-136.

FIRESTONE, R. *Jiha d: the origin of holy war in Islam*. New York: Oxford University Press, 1999.

GEERTZ, C. Thick description: toward an interpretive theory of culture. *The interpretation of cultures: selected essays*, New York, p. 3-30, 1973.

GEORGE, L. K.; ELLISON, C. G.; LARSON, D. B. Explaining the relationships between religious involvement and health. *Psychological Inquiry*, v. 13, p. 190-200, 2002.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

GONÇALVES DA SILVA, C. et al. Religiosidade, juventude e sexualidade, entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008.

GOPIN, M. *Between Eden and Armageddon – the future of world*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

GORSUCH, R. L. *Measurement: the boom and bane of investigating religion*. *American Psychologist*, v. 39, p. 228-236, 1984.

GORSUCH R. L. Psychology of religion. *Annual Review of Psychology*, v. 39, p. 201-221, 1988.

HALL, S. S. Parental predictors of young adults belief systems of marriage. *Current Research in Social Psychology*, p. 12-22, 2006.

HARDIN C. D.; HIGGINS E. T. Shared reality: how social verification makes the subjective objective. In: SORRENTINO, R. M.; HIGGINS, E. T. (Ed.). *Handbook of motivation and cognition*. New York: Guilford, 1996. v. 3, p. 28-84.

HEILBORN, M. L. et al. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HERVIEU-LÉGER, D. Individualism religious and modern: continuities and discontinuities. In: LYON, D.; VAN DIE, M. *Rethinking Church, State and modernity: Canada between Europe and America*. Toronto: University of Toronto Press, 2000.

HIGGINS, E. T. Making a good decision: value from fit. *American Psychologist*, v. 55, p. 1217-1230, 2000a.

HIGGINS, E. T. Social cognition: learning about what matters in the social world. *European Journal of Social Psychology*, v. 30, p. 3-39, 2000b.

HIGGINS, E. T.; SILBERMAN, I. Development of regulatory focus: promotion and prevention as ways of living. In: HECKHAUSEN, J.; DWECK, C. S. (Ed.). *Motivation and self-regulation across the life span*. New York: Cambridge University Press, 1998. p. 78-113.

HILL P. C. Giving religion away: what the study of religion offers psychology. *International Journal of Psychology of Religion*, v. 9, p. 229-249, 1999.

HILL P. C.; HOOD JR., R. W. *Measures of religiosity*. Birmingham, AL: Religious Education Press, 1999.

HUNSBERGER, B.; JACKSON, L. M. Religion, meaning and prejudice. *Journal of Social Issues*, v. 61, p. 807-826, 2005.

HUNTINGTON, S. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HUTCH R. A. Jonathan Edwards' analysis of religious experience. *Journal of Psychology and Theology*, v. 6, p. 123-131, 1978.

JAMES W. *The varieties of religious experience*. New York: Longmans, 1902.

JANOFF-BULMAN, R. *Shattered assumptions: towards a new psychology of trauma*. New York: Free Press, 1992.

KELLEY, G. *The psychology of personal constructs*. New York: Norton, 1955. v. I- II.

KEPEL, G. *A revanche de Deus*. São Paulo: Siciliano, 1992.

KOENIG H. G. (Ed.). *Handbook of mental health*. San Diego, CA: Academic, 1998.

- KOHN, H. *The idea of nationalism*. New York: MacMillan, 1944.
- LERNER, M. J. *The belief in a just world: a fundamental delusion*. New York: Plenum Press, 1980.
- LEWGOY, B. Do sacrifício ao bem-estar. Auto-ajuda, sexualidade e psicologia na recente literatura evangélica. In: ISAIA, A. C. (Org.). *Crenças, sacralidades e religiosidade: entre o consentido e o marginal*. Florianópolis: Insular, 2009.
- LEWIS, B. The roots of Muslim rage. *The Atlantic Monthly*, New York, p. 145, 1990.
- LYRA, J. L. L. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. 1997. Dissertação (Mestrado)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- MACHADO, M. D. C. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, Anpocs, 1996.
- MARTY, M. E.; APPLEBY, R. S. *Accounting for fundamentalisms: the dynamic character of movements*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1991.
- MARZAL, A. (Org.). *Libertad religiosa y derechos humanos*. Barcelona: J. M. Bosch Editor, 2004.
- MILLER, W. R. (Ed.). *Integrating spirituality into treatment: resources for practitioners*. Washington, DC: American Psychological Association, 1999.
- MONTEIRO, R. G. *Adesão a crenças cristãs normativas sobre a sexualidade: um estudo com jovens evangélicos de João Pessoa, PB*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)—Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, v. 18, p. 211-250, 1988.
- MURAWIEC. *L'esprit des nations: cultures et géopolitique*. Paris: Odile Jacob, 2002.

NATIVIDADE, M. *Carreiras homossexuais e pentecostalismo: uma análise de biografias*. 2003. Dissertação (Mestrado)– Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

OMAN, D.; THORESEN, C. E. Spiritual modeling: a key to spiritual and religious growth? *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 13, n. 3, p. 149-165, 2003.

PAIVA, V. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. (Org.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p. 249-269.

PAIVA, V. A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, v. 13, n. 4, p. 641-651, 2008.

PAIVA, V. et al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, p. 45-53, 2008. Suplemento 1.

PARGAMENT, K. I. *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: Guilford, 1997.

PARGAMENT, K. I.; MAGYAR-RUSSELL, G.; MURRAY-SWANK, N. A. The sacred and the search for significance: religion as a unique process. *Journal of Social Issues*, v. 61, n. 4, p. 665-687, 2005.

PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PETERSEN, L. R.; DONNENWERTH, G. V. Religion and declining support for traditional beliefs about gender roles and homosexual rights. *Sociology of Religion*, v. 59, p. 353-371, 1998.

RICHARDS, P. S.; BERGIN A. E. *A spiritual strategy for counseling and psychotherapy*. Washington, DC: American Psychological Association, 1997.

RICHARDS, P. S.; BERGIN, A. E. (Ed.). *Handbook of psychotherapy and religious diversity*. Washington, DC: American Psychological Association, 2000.

- SANTOS, E. S.; MANDARINO, C. M. Juventude e religião: cenários no âmbito do lazer. *Revista de Estudos da Religião*, v. 3, p. 161-177, 2005.
- SHAFRANSKE, E. P. (Ed.). *Religion and the clinical practice of psychology*. Washington, DC: American Psychological Association, 1996.
- SHELDON, K. M.; KASSER, T. Coherence and congruence: two aspects of personality integration. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 68, p. 531-543, 1995.
- SIEGEL, J.; ROZIN, P. Faith versus practice: different bases for religiosity judgments by Jews and Protestants. *European Journal of Social Psychology*, v. 33, n. 2, p. 287-295, 2003.
- SILBERMAN, I. Religion as a meaning system: implications for the new millennium. *Journal of Social Issues*, v. 61, n. 4, p. 641-663, 2005.
- SILBERMAN, I.; HIGGINS, E. T.; DWECK, C. S. Religion and world change: violence and terrorism versus peace. *Journal of Social Issues*, v. 61, n. 4, p. 761-784, 2005.
- SIQUEIRA, M. J. T. et al. *Sexualidade e paternidade na adolescência: concepções de adolescentes do sexo masculino – pais e não pais – no município de Florianópolis*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Relatório final de pesquisa.
- SNIBBE, A. C.; MARKUS, H. R. The psychology of religion and the religion of psychology. *Psychological Inquiry*, v. 13, p. 229-234, 2003.
- SOCIEDADE CIVIL BEM-ESTAR FAMILIAR NO BRASIL. *Adolescentes, jovens e a Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde*. Um estudo sobre fecundidade, comportamento sexual e saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: Bemfam, 1999.
- SOUZA, R. C. *Discursos e práticas fundamentalistas na Igreja Presbiteriana do Brasil (2002-2008): uma análise da pretensa equi-distância dos extremos fundamentalistas e liberal*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

STARK, R.; BAINBRIDGE, W. S. *The future of religion: secularization, revival and cult formation*. Berkeley: University of California Press, 1985.

STAUB, E. The roots of evil: social conditions, culture, personality, and basic human needs. *Personality and Social Psychology Review*, v. 3, n. 3, p. 179-192, 1989.

TAJFEL, H.; TURNER, J. The social identity theory of intergroup behaviour. In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. G. (Ed.). *Psychology of intergroup relations*. Chicago, IL: Nelson-Hall, 1982. p. 7-24.

THOMPSON, L.; FINE, G. A. Socially shared cognition, affect, and behavior: a review and integration. *Personality and Social Psychology Review*, v. 3, n. 4, p. 278-302, 1999.

TONELI, M. J. F.; VAVASSORI, M. B. Sexualidade na adolescência: um estudo sobre jovens homens. *Interações*, v. 9, n. 18, p. 109-126, 2004.

TRIANDIS, H. C. The self and social behavior in differing cultural contexts. *Psychological Review*, v. 96, p. 506-520, 1989.

TSANG, J.; MCCULLOUGH, M. E.; HOYT, W. T. Psychometric and rationalization accounts for the religion-forgiveness discrepancy. *Journal of Social Issues*, v. 61, p. 785-805, 2005.

TURNER, B. S. Cosmopolitan virtue: on religion in a global age. *European Journal of Social Theory*, v. 4, n. 131, 2001.

VELHO, O. A. Globalização: antropologia e religião. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 1, 1997.

VOLKAN, V. *Bloodlines: from ethnic pride to ethnic terrorism*. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 1997.

WATANABE, T. H. B. Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil. *Revista de Estudos da Religião*, v. 1, p. 15-30, 2005.

WATTS, F. N. Psychological and religious perspectives on emotion. *International Journal of Psychology of Religion*, v. 6, p. 71-87, 1996.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1994.

WINK, P. et al. Religiousness, spiritual seeking, and personality: findings from a longitudinal study. *Journal of Personality*, v. 75, p. 5, Oct. 2007.

WOODWARD, R. *Plan of attack*. New York: Simon and Schuster, 2004.

Recebido em março de 2016.  
Aprovado em março de 2016.